

FH vira modelo para socialistas franceses

ESTADO DE SÃO PAULO

Líderes buscam
aproximação com
centro e centro-direita
para revigorar PS

REALI JUNIOR
Correspondente

2 OFE

PARIS — Fernando Henrique Cardoso virou a coqueluche da campanha presidencial francesa. Ele tem sido debatido nas rodas políticas e nos encontros entre universitários, analistas e dirigentes partidários, mais comprometidos com candidaturas que preconizam uma maior abertura política, a partir de origens socialistas ou sociais-democratas.

O objetivo não é apenas buscar alianças com forças de centro e centro-direita para viabilizar uma candidatura presidencial na França, mas também promover uma abertura econômica que garanta, após as eleições, condições políticas de aplicação de um programa de reformas menos tolhido por imperativos ideológicos.

O fato de o exemplo Fernando Henrique estar sendo citado com frequência no debate político francês revela uma mudança da visão que se tem do Brasil no Exterior. Quem primeiro chamou atenção para o modelo Fernando Henrique na França foi o ex-ministro da Cultura Jack Lang, em meados de dezembro, na volta de uma viagem ao Brasil, onde participou, a convite do próprio Fernando Henrique, de um seminário sobre cultura.

Lang, o nome mais popular entre os socialistas franceses, aceitou o desafio de disputar a candidatura do PS para a Presidência da República após a decepção causada pela renúncia do presidente da Comissão Européia, Jacques Delors, que anunciou sua decisão numa entrevista solene concedida ao jornal das oito da televisão francesa.

José Paulo Lacerda/AE—4/12/94



Touraine: debate político chega com atraso

Na ocasião, Lang citou o exemplo Fernando Henrique como o caminho no qual a esquerda francesa deveria se inspirar para preservar o poder, buscando reunir forças além de seus limites, aliando-se com outras áreas, mesmo à sua direita. Ele imaginava uma aliança não só com o centro, mas também com a centro-direita, o que o próprio François Mitterrand ameaçou fazer após sua segunda vitória presidencial, em 1988, mas com pouco êxito. A candidatura Lang ficou pelo caminho por falta de apoio do aparelho partidário, mas ele continua insistindo na necessidade dessa abertura.

O modelo Fernando Henrique acabou sendo implantado no debate político francês pelo sociólogo Alain Touraine, amigo do presidente brasileiro, num longo artigo

no jornal *Le Monde*, escrito após duas visitas e encontros com Fernando Henrique em Brasília, antes e depois de sua posse.

Hoje, Touraine acha que o modelo Fernando Henrique chega atrasado à França, pois perdeu duas ocasiões com homens identificados com essa evolução: Michel Rocard, cuja candidatura explodiu atingida por um míssil enviado por François Mitterrand (Bernard Tapie), e Jacques

Delors, que desistiu diante das dificuldades que enfrentaria com o aparelho do PS, especialmente certas tendências ortodoxas.

Para Touraine, os socialistas da França e da Itália ainda não estão aptos para essa evolução, ao contrário da social-democracia alemã, através de Rudolf Charping, e dos

trabalhistas britânicos, com a liderança ascendente de Tony Blair, homens perfeitamente conscientes da necessidade imperiosa dessa abertura sócio-econômica. Na Itália, o processo será também bem mais demora-

do, como na França, onde, segundo Touraine, os socialistas optaram pelo mitterrandismo, rejeitando as candidaturas de Rocard e Delors, que representavam essa via.

Touraine afasta a possibilidade de abertura com um candidato so-

cialista como Lionel Jospin, que tem prometido, se for eleito, encerrar o processo de privatizações na França. "Não, a idéia era Delors", disse Touraine ao Estado. "Sem ele não haverá essa possibilidade. Escolhendo Henri Emanuelli como primeiro secretário, o PS fechou temporariamente essa porta."

Para o sociólogo francês, será preciso esperar as eleições legislativas dentro de três anos para que a mudança se produza, mas na Inglaterra e na Alemanha isso poderá ocorrer antes. Na França, diz Touraine, o centro já optou pela candidatura do primeiro-ministro, Edouard Balladur, diante do duplo malogro das candidaturas socialistas de Rocard e Delors.

Um dos nomes mais respeitados no meio universitário francês, o sociólogo está convencido de que o caminho é inevitável: "No plano analítico, uma combinação de reformas sócio-econômicas, reunindo as forças da modernidade que Fernando Henrique está sabendo aglutinar tão bem no Brasil."

Na mesma linha de raciocínio se manifestam Rocard e alguns de seus colaboradores mais próximos, hoje minoritários entre os socialistas franceses. Rocard também foi à posse de Fernando Henrique. O ex-primeiro-ministro voltou do Brasil dizendo que o novo presidente apostou na flexibilidade brasileira, mas, infelizmente, hoje não identifica essa evolução entre seus amigos socialistas.

No Brasil, ao contrário da França, o debate ideológico transcende os partidos políticos, mas a realidade francesa é diversa. Alguns colaboradores de Rocard lembram que Jospin, o candidato do PS à Presidência, não tem o mesmo perfil de homem de abertura. Sua intenção é reunir o apoio da esquerda francesa, e não ganhar a eleição com o apoio de outras forças, como imaginavam Delors e Rocard.

2 0 F E V 1995
A
LA
ORTODOXA
AINDA IMPEDE
ALIANÇA